

“Água que fica”

No Tocantins,
a sede não é só do corpo.

Ela começa antes,
num lugar que nem sempre tem nome.

O dia abre quente,
rasgando o céu em silêncio,
e a terra aprende a esperar.

Esperar o quê?
Às vezes, nada.
Às vezes, tudo.

E então o Rio Tocantins passa.
Não como quem chega,
mas como quem permanece.

Como se soubesse
que o tempo aqui
não corre, escorre.

Leva histórias nas margens,
nomes que o vento esqueceu,
passos de gente que ficou.

Água doce, mas funda,
guarda no espelho turvo
o rosto de quem resiste.

E quando a sede aperta,
não é só de beber que se trata,
é de lembrar que ainda há caminho.

Porque no Tocantins,
até o silêncio aprende
a se mover como rio.

“Water That Remains”

In Tocantins,
thirst is not only of the body.

It begins earlier,
in a place that doesn't always have a name.

The day opens hot,
tearing the sky in silence,
and the earth learns to wait.

Wait for what?
Sometimes, nothing.
Sometimes, everything.

And then the Tocantins River passes.
Not as one who arrives,
but as one who remains.

As if it knew
that time here
doesn't run — it trickles.

It carries stories on its banks,
names the wind has forgotten,
footsteps of those who stayed.

Fresh water, but deep,
it holds in its murky mirror
the face of those who resist.

And when thirst tightens,
it's not just about drinking —
it's about remembering there is still a way.

Because in Tocantins,
even silence learns
to move like a river.

Douglas Pinheiro da Silva